



MAUÁ, A FORÇA QUE MOBILIZOU O BRASIL

Bernardo Goytacazes de Araújo

Graduado em Filosofia – UFJF
Especialista em Filosofia Moderna e Contemporânea – UFJF
Prof. da Universidade Castelo Branco
bernardogoyara@hotmail.com

Jonas Tadeu Bruno Ribeiro

Bacharel em História – UFJF
Especialista em História Moderna e Contemporânea – UFF
Jonas.ribeiro@terra.com.br

I - Introdução

Para entender o desenvolvimento que o Brasil vem galgando nos últimos 17 anos, é de fundamental importância o entendimento sobre as bases em que este desenvolvimento está assentado. Muitos são os dinamismos pelo qual a economia nacional vem passando. Entretanto, a estabilidade econômica, o controle da inflação e a capacidade produtiva estão atrelados a um conjunto de ações que nos levam a um grupo bastante específico de países – BRIC: Brasil, Rússia, Índia e China – que são tidos como em franco desenvolvimento.

Para salientar ainda mais a nossa capacidade produtiva, é de fundamental importância entender as bases de onde a indústria brasileira foi gerada, e aqueles com as quais a mesma tomou um impulso de vital importância, já que o Brasil era agrário e monocultor. Muitas foram as resistências encontradas, até que na segunda metade do século XX, nosso país “se urbanizou”, com uma base produtiva industrial. Deixávamos de ser apenas um grande produtor rural, para termos em nossas cidades, uma população maior, que buscava empregabilidade e melhores condições de vida. Era um grande projeto, que galgou os umbrais do II Reinado, com D.Pedro I; Passou pelos militares na constituição da República das Espadas, sendo interrompido pelas elites agrárias da República Velha; Vale salientar a primeira guerra mundial e a substituição parcial de nossas importações, fomentando também esta parcial industrialização. O primeiro governo de Getúlio Vargas e o vislumbre da II Guerra Mundial, sendo substituído pelo governo Dutra e o segundo governo Vargas, que finalizou esta grande passagem do agrário para o urbano. Este processo não se dá de forma constante, harmônica e estabilizada. Muitos interesses estavam em jogo, inclusive da grande elite dominante do país.

A bancada ruralista continua sendo alvo de grandes pressões internas, fazendo os interesses nacionais ainda girarem de maneira muito forte pelo campo, pelos resultados agropecuários, assim como pelos investimentos feitos para este grupo. O Brasil ainda sofre influências, não mais só do café, do leite, da soja, mas também do gado, do milho, e dos grandes conglomerados que “direcionam” os caminhos do interior do Brasil.

Entretanto, no segundo reinado, sobre a tutela de Dom Pedro II, que iniciamos nossa trajetória de percepção daquilo que poderia ser o grande impulso para o Brasil: investir na indústria, que na Inglaterra e na França, já traziam seus benefícios e assim acumulavam aqueles países com novas riquezas. Inicia-se o neocolonialismo. Novas terras serão “cultivadas” para que delas saiam matérias primas, e tornem seus mercados, verdadeiras portas abertas para produção industrial que saia das vigorosas fábricas européias.

Perceber a industrialização como nova fonte de renda era o ponto pelo qual o Brasil começava a vislumbrar, pelo entendimento de Mauá, não mais apenas a produção rural e os elementos alimentícios. Ficar “refém de uma monocultura” deveria ser a postura a não mais ser adotada. Ser dependente de um grupo e de uma classe de produção foi um risco enorme que corremos e que pagamos caro. Era o raciocínio que Mauá buscava trazer para o império. Esta inspiração veio do Conde de Saint Simon (1760 – 1825) que irá preconizar a indústria como elemento produtivo principal de riquezas para o país. O avanço das ciências determinaria a mudança político-social, além das bases da moral e da religião. Ele entendia que, no futuro, a sociedade seria basicamente formada por cientistas e industriais. O pensamento de Saint Simon pode ser vislumbrado com o lema: "a cada um segundo sua capacidade, a cada capacidade segundo seu trabalho".

Não mais o comércio, simplesmente mercantilista, era interessante, pois a produção não era feita aqui, mas outro produzia para que alguns outros vendessem... Com isso, Portugal e Espanha vão perdendo espaço para as novas potências, que além de produzir, irão também comercializar, e o valor agregado de seus produtos, enche os cofres a ponto de a Inglaterra montar um grande império, onde o Sol, nunca se punha.

Aqui no Brasil, a extinção do tráfico negreiro, seguida, no mesmo ano de 1850, pela promulgação da *Lei de Terras*, a centralização da Guarda Nacional e a aprovação do primeiro *Código Comercial* viabilizaram algumas mudanças importantes no nosso cenário. Também neste período, como consequência da *Tarifa Alves Branco*, de 1844, os produtos importados tiveram um aumento nas suas taxas. Assim, a arrecadação de impostos para o império cresceu significativamente. Também, com o encarecimento das importações, alguns produtos básicos começaram a ser produzidos aqui no Brasil, inclusive tecidos.

Começou-se a investir na estrutura do país, pois era necessário criar mecanismos que pudessem dinamizar os desenvolvimentos que estavam acontecendo. Bancos, caixas econômicas, companhias de seguro, empresas industriais, companhias de colonização foram se instalando, especialmente na Corte e em algumas cidades mais desenvolvidas.

É neste contexto que um grande visionário, capaz de transformar os sonhos e interesses nacionais em realidade vai conquistar importantes vitórias. O Sr. Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá, que sai do comércio e percebe na produção industrial um veio que deveria ser explorado. Era a chance do Brasil entrar para o hall dos produtores. Era galgar patamares e expectativas nunca dantes vistos.

II – Irineu Evangelista, de comerciante a industrial

Muitos são os feitos notáveis de pessoas visionárias que compartilham de sua inteligência e saber, com parte da sociedade. Uma destas grandes figuras, do Brasil, no século XIX foi Irineu Evangelista de Souza, nascido na cidade de Nossa Senhora da Conceição do Arroio Grande, na Capitania Del-Rey de São Pedro do Sul, estado do Rio Grande do Sul, no dia 28 de dezembro de 1813¹. O povoamento teve início em 1803, através de Manuel Jerônimo de Souza, avô do Barão de Mauá e a área da atual cidade foi doado por, Manuel de Souza Gusmão em 1812. A ocupação foi feita por etnias portuguesas e mesclas de espanhóis. Foi elevada a categoria de distrito de Jaguarão em 1812 e tornou-se município emancipado de Jaguarão em 1873.

Depois do falecimento de seu pai, Irineu foi mandado para os estudos, ao contrário de ficar na estância dos seus. Era comum naquele tempo, que os pais colocassem seus filhos para trabalhar desde cedo, a fim de que pudessem aprender os ditames da estância, bem como seu funcionamento.

Em consonância com os costumes da época, assevera Caldeira (2001, p. 44), os meninos, mesmo nas famílias de posse, eram inseridos no mundo do trabalho assim que começavam a andar: aprendiam a manter as ferramentas prontas para uso, a plantar, a colher e a cuidar dos animais domésticos, preparando-se, desta forma, para a tarefa de ampliar os domínios conquistados pelos antepassados.”²

1 GANNS, Cláudio. *Visconde de Mauá - Autobiografia (“Exposição aos credores”)*. Rio de Janeiro: Toopbooks, 2000, p.16. O autor é bisneto de Mauá.

2 MMS Quintanilha, CM Murasse-Orientadora - 2003 - histedbr.fae.unicamp.br p. 2

Irineu passou por inúmeras situações, até chegar no Rio de Janeiro, capital do império, em 1822, com seu tio que era da Marinha Mercante (Caldeira, 2000). Era um cenário novo, pois com a saída da família real, e com a independência do Brasil, o Rio de Janeiro já não era mais o mesmo. As mudanças eram latentes. O comércio no Rio crescia e o Brasil tomava uma nova forma sobre a tutela de Dom Pedro I. Um novo país vislumbrava, sobre os acontecimentos que nos fizemos independentes em relação à Portugal.

É neste Rio de Janeiro, que Irineu inicia suas perspectivas acerca do comércio e vai trabalhar em um armazém, onde também engraxava sapatos para aumentar sua renda. Entretanto, a atividade de comércio era geralmente desempenhada por portugueses mais pobres, ou por brasileiros que não eram letrados – analfabetos. Mesmo assim, Mauá vai conquistando a confiança do patrão, o português João Rodrigues Pereira de Almeida. Foi neste comércio, não muito comum no Rio, pois seu patrão também era banqueiro e movimentava a questão do tráfico de escravos, sendo esta uma das mais importantes fontes de lucro, para o mesmo.

Foi aí que Mauá conheceu mais do que simplesmente o comércio, mas também a organização do mesmo, os interesses que estavam em jogo e a importância deste dinamismo econômico para o Brasil imperial. Os escravos eram as “locomotivas” que moviam a produção e no Rio desempenhavam um papel, um quanto mais serviçal.

Em 1829 a questão comercial, em especial para os portugueses não andavam tão eficientes, e o comerciante João Rodrigues, resolve pedir falência. O contexto começa a mudar para Irineu, pois a falência do comerciante lhe abre novos horizontes.

Pereira de Almeida decidiu liquidar seus negócios através de uma falência amigável. Colocou, então, todos os seus bens particulares, inclusive a sua casa, à disposição de seus credores. Entretanto, seu credor principal, Ricardo Carruthers, comerciante escocês, negou-se a receber o pagamento, pois, na Inglaterra, o lar era intocável. (...) Em retribuição ao favor, Almeida apresentou Irineu Evangelista ao escocês que, segundo Ganns (1998, p. 23), entregou o menino como se fosse

uma jóia^{3 4}

Irineu se dedicava cada vez mais aos estudos e Carruthers lhe observava não só como um bom funcionário, mas como um homem sagaz e de visão para os negócios. Quando Carruthers foi para a Inglaterra, deixou como responsável pelo comércio de importações o jovem empreendedor.

Embora Irineu Evangelista de Sousa tivesse algum conhecimento de Economia Política, obtido através da leitura dos manuais de José da Silva Lisboa - o Visconde de Cairu - foi somente após transferir-se para a Carruthers & Cia., que cursou a disciplina completa, ministrada, pelo seu patrão, durante os finais de semana e no período da noite. Deste modo, foi através de Carruthers, que Mauá conheceu a Inglaterra sem ter saído do país e obteve uma formação 'tipicamente inglesa', transformando-se num brasileiro único, que se diferenciava do ambiente que o cercava. Aprendeu o valor do crédito em negócios mais amplos, numa praça comercial em que a circulação monetária era reduzida. Destacou-se pela seriedade e por levar uma vida na qual os prazeres materiais foram colocados de lado.⁵

Quando Irineu vai para a Inglaterra passar férias, toma contato com o que há de mais evoluído no conceito de produção. Vai perceber a importância da indústria de base para o país, pois sem a fundição, sem a base do ferro e do manejo dos metais, as indústrias subsequentes não poderiam surgir, pois a base estava ali. Era a condição necessária e suficiente para que a indústria surgisse aqui no Brasil. Foi desta grande viagem de férias de Irineu, a Inglaterra, que o fez mudar de entendimento. Paulatinamente vai deixando o ramo comercial e vai assumindo a vertente produtiva – industrial. Na sua idéia era este o caminho que poderia colocar o Brasil no rumo certo da nova ordem mundial de produção. Fazer o Brasil despontar como elemento produtivo era o foco que o jovem empreendedor não queria mais perder de vista. Era a chance de colocar a nação em um novo patamar.

3 FARIA, Alberto de. *Irineu Evangelista de Souza, Barão e Visconde de Mauá- 1813-1889*. São Paulo: Nacional, 1958, p. 63. O autor, ao mencionar o fato, diz: “[...] quero pagar-lhe este serviço, dou-lhe um bom caixeiro.”

4 MMS Quintanilha, CM Murasse-Orientadora - 2003 - histedbr.fae.unicamp.br.p 4

5 QUINTANILHA, Marli Maria Silva. *A escola da vida e a formação intelectual do Visconde de Mauá*. Maringá: UEM – DEF p.5

Era sair do mercantilismo e entrar de vez na era da Revolução industrial.

Entretanto a realidade Inglesa não era simples assim, e havia uma primeira crise, que fora elemento já de adequação da própria produção. Quando do desembarque de Mauá, em Liverpool, Caldeira (1995), destaca:

Aquela era a primeira crise de superprodução do capitalismo triunfante, uma realidade nem sequer imaginada num país onde se fazia força, mas nada parecia brotar. E Liverpool era o local mais adequado para um brasileiro interessado em novidades e em economia se enfronhar na realidade inglesa, ao mesmo tempo que, pensava em seu próprio país.

Ao retornar para o Brasil e perceber as condições de possibilidade que lhe haviam sido vislumbradas, Mauá resolve arriscar na construção daquela que viria a ser a primeira indústria brasileira de fundição, conexas com um estaleiro, em Ponta D´Areia, em Niterói, estado do Rio de Janeiro. Foi deste estaleiro que saíram navios e armamentos que lutaram nas batalhas contra Oribe, Rosas e López. Mostra assim a força e a capacidade de produção nacional, inclusive nos cenários adversos como as batalhas e guerras.

Outro grande feito foram as companhias de navegação a vapor, criadas no Rio Grande do Sul e no Amazonas, em meados do século XIX. Além disso, houve a instalação de cabos telegráficos entre Brasil e Europa (1874), criação de Bancos, ferrovia, patrocínio da primeira parte da pavimentação da *União Indústria*. A *Companhia de Iluminação à Gás*, companhias de bondes e navegação, empresas de comércio exterior e tantos outros investimentos mais, que não tivessem mão de obra escrava, e se fundamentassem como elementos de agregação de valores e de potências, tanto para a infra-estrutura do país, quanto para a rentabilidade do capital externo que permeava sua ligação com os banqueiros ingleses.

III – O germe da industrialização nacional

Para entendermos o pensamento que moldou as ações práticas na atuação econômica do Barão de Mauá, precisamos compreender alguns aspectos da realidade brasileira desde a independência, passando por sua formação intelectual e chegando ao Segundo Reinado, quando Irineu Evangelista de Souza teve grande atuação econômica do período.

O primeiro passo será interpretar o processo de formação do Estado brasileiro. Quais seriam os interesses envolvidos na independência nacional? Existia um sentimento nacional que moldava os interesses do “povo” que vivia na colônia? Ocorreram movimentos de luta pela emancipação, que na realidade se mostraram regionais e apresentavam interesses particulares e não nacionais.

O processo de independência começa com a vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil, a partir das Guerras Napoleônicas e todas as mudanças provocadas por esse fato. Além disso, temos que lembrar que a Europa passava por momentos de grande ebulição política e econômica com a Revolução Francesa e a Revolução Industrial. A América também passava por mudanças que se iniciaram no século XVIII, com a Independência dos EUA, e continuaram com os movimentos de independência na América Espanhola. Tudo isso contribuiu para que nossa independência acontecesse.

Mas quais os interesses envolvidos no processo de independência do Brasil? A vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil e os acordos firmados com os ingleses criaram possibilidades para vários setores dominantes da, então, colônia, gerando benefícios econômicos principalmente para Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais⁶. Desta forma inicia-se uma conciliação de interesses entre parte das elites locais e interesses ingleses (livre comércio, exportação de produtos primários e importação de industrializados), que estavam envolvidos na independência da América Ibérica. De acordo com André Ricardo Barbosa Duarte:

⁶ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1999.

O processo de Independência do Brasil e os posteriores esforços de se edificar um Estado-nação é, antes de tudo, uma verdadeira conjugação de acordos entre as elites ideologicamente situadas no conservadorismo e/ou no liberalismo. Estas optaram pelo apoio a um regime monárquico representativo, com claro objetivo de manter o novo Estado unido, evitar o predomínio militar, centralizar a arrecadação de impostos e conter a balcanização territorial, garantindo assim, a supremacia do governo civil centralizado.⁷

Ainda de acordo com Duarte, o Estado brasileiro surge levando em consideração uma ideologia conservadora das elites agroexportadoras em consonância com os capitais ingleses através de acordos feitos no ato do reconhecimento da independência, com o objetivo de manter uma sociedade hierárquica, a ordem e as diferenças sociais constituídas no período colonial. A visão de Estado constituída era patrimonialista com a função de manutenção de uma realidade que preservasse a estrutura agrária e escravocrata.⁸

Levando em consideração que as ideias dos homens que comandavam a nação tinham um postulado ideológico de um liberalismo conservador que se baseava num livre-comércio e na tão falada vocação agrícola brasileira, Mauá possuía uma visão de mundo diferente. Esta visão foi sendo construída a partir do momento em que Mauá chegou ao Rio para trabalhar com Pereira de Almeida, o que possibilitou o contato com o comércio e após este, com Richards Carruthers, rico comerciante escocês. Entretanto, existia alguma base teórica que moldava o pensamento de Irineu Evangelista de Souza? Alguns biógrafos e estudiosos que analisam seus escritos relacionam suas obras e atuação com características relacionadas ao pensamento filosófico de Saint-Simon. Segundo Faria, a doutrina sansimoniana tinha como base:

O aperfeiçoamento, a fiscalização e a difusão da ciência, além de dirigir a educação pública; aos industriais e aos artistas caberiam a tarefa de determinar o lugar de cada um, conforme sua capacidade, indicado através de testes que antecipavam as modernas conclusões científicas.

7 DUARTE, André R. B. *Aspectos da organização política no Brasil: o processo de passagem da política oligárquica para a política competitiva (séculos XIX – XX)*, Revista Eletrônica de Ciências Sociais, ano 4, ed. 9, jan./abr. 2010, p.33.

8 DUARTE, André R. B. *Aspectos da organização política no Brasil: o processo de passagem da política oligárquica para a política competitiva (séculos XIX – XX)*, p.33.

O progresso da ciência e a reestruturação da indústria se faria “por meio de maravilhoso instrumento de crédito, graças ao qual o dinheiro do ocioso ia, por intermédio do banqueiro, à mão do trabalhador.”⁹

Para melhor embasar estas idéias, Mauá investiu no desenvolvimento de Bancos e outras atividades econômicas com o intuito de estimular o crescimento econômico com investimentos particulares que pudessem estimular também a livre concorrência e a expansão econômica do país, livrando-o da submissão aos capitais estrangeiros. Seus bancos ampliaram o crédito o que possibilitou uma ampliação da economia nacional no período. Como empresário, seus primeiros passos foram marcados pela ousadia, apostando no emprego à tecnologia. Ao longo de sua carreira relevou a correta gestão de recursos, onde a responsabilidade de cada indivíduo era valorizada. A sua política salarial expressava um investimento nos talentos de seus empregados, tendo sido pioneiro, no país, na distribuição de lucros da empresa aos funcionários. Em complemento, incentivava os seus colaboradores mais próximos a montar empresas e a fazer negócios por conta própria.

Outra postura de Mauá que o relaciona com o pensamento sansimoniano é o código de ética utilizado por ele, que se baseava numa visão de Saint-Simon onde “O homem deve trabalhar” e o trabalho seria o princípio que “nortearia” toda a sociedade¹⁰. Desta forma, Mauá, assim como Saint-Simon acreditava que o desenvolvimento do país viria a partir do progresso da ciência, da indústria e baseado em um trabalho árduo, longe da ociosidade da aristocracia. Isto fica claro no texto de sua autoria chamado “Exposição aos credores”, onde Mauá: “[...] por meio de infatigável e honesto labor”, de fato pode sugerir que, à semelhança de Saint Simon, Mauá também considerava o trabalho como princípio norteador “das ações do indivíduo”¹¹.

9 FARIA, Alberto de. *Mauá - Irineu Evangelista de Souza, Barão e Visconde de Mauá - 1813-1889*. São Paulo: Nacional, 1958, p.100.

10 Cf. QUINTANILHA, Marli M. S. *A escola da vida e a formação intelectual do Visconde de Mauá*. www.histedbr.fae.unicamp.br, 2003, p.11.

11 SOUZA, Irineu Evangelista de. *Exposição do Visconde de Mauá aos credores de Mauá & C E ao público Reedição Fac-similar da 1ª edição de 1878*. In. BIANCHI, Roberto. *Org. Mauá, empresário & político*. São Paulo: Bianchi, 1987, p.1.

Mas suas idéias baseadas na ampliação do crédito particular e público, na livre concorrência, num trabalho árduo, principalmente com mão-de-obra livre, no desenvolvimento da ciência e da indústria, não eram comungadas por todos no Brasil. A mentalidade corrente no Brasil da época primava pela agroexportação baseada no trabalho escravo, num comércio onde exportaríamos produtos primários e importaríamos artigos industrializados. Onde o comércio, inclusive o de escravos pudesse gerar grandes rendas. Com Mauá investindo em países platinos (principalmente o Uruguai), com ajuda ao exército farroupilha e com a luta contra a escravidão, ganhou inimigos dentro e fora do Estado. Sofreu com perseguições políticas, com sabotagens criminosas, principalmente na fundição de Ponta da Areia, além da falta de crédito particulares nos investimentos levando-o a se submeter cada vez mais a vontade do capital estrangeiro, diga-se inglês.

Em muitos casos houve apoio do governo em seus negócios, contudo, grande parte dos estudiosos que se debruçaram sobre o período, acusam o governo de D. Pedro II de ser opositor de Mauá. Mas será que isto é verdade, se levarmos em consideração, como diz Nelson Werneck Sodré que: “[...] Mauá personificou na sua ação, a política imperial. Seu aparecimento em todas as empresas de vulto, até mesmo o fato de ter sido ele sempre o apontado e escolhido para as obras de grandiosidade, [...] Mauá representa, mais que dono da iniciativa pessoal, o Império numa das fases mais expressivas a financeira”¹².

IV – Conclusão

Foi no contexto das grandes Revoluções Europeias que Mauá vislumbrou uma grande saída para o Brasil: se tornar produtor, industrializado. Isso muito contribuiu para o nosso surto de desenvolvimento, galgado de maneira incipiente no II Reinado. A figura de Irineu Evangelista de Souza é um marco na construção do pensamento industrial brasileiro e seus investimentos proporcionaram grandes conquistas para o país, até os dias de hoje. Pensar o Brasil de maneira conjunta, com capital e com investimentos certos, principalmente no que se concerne à infra-estrutura, foi o ponto chave que Mauá entendeu para fazer o processo produtivo começar. Muitos revezes ocorreram, mas fica

¹² SODRÉ, Nelson W. *Panorama do Segundo Império*, 2 Ed. Rio de Janeiro, 1998, p.240.

nítida a visão daquele que soube tirar lições preciosas nas oportunidades que o contexto lhe ofereceu. Mauá faleceu, em Petrópolis, em outubro de 1889, pouco antes do final do Império e da Proclamação da República.

Precisamos tomar de Mauá o planejamento e a sensibilidade para os investimentos em infra-estrutura, molas mestras no trilhar do desenvolvimento que buscamos. Sem isso, não há como abastecer o nosso sistema produtivo, da forma pela qual necessitaremos, nos próximos anos.

V - Bibliografia

DUARTE, André R. B. *Aspectos da organização política no Brasil: o processo de passagem da política oligárquica para a política competitiva (séculos XIX – XX)*, Revista Eletrônica de Ciências Sociais, ano 4, ed. 9, jan./abr. 2010.

FARIA, Alberto de. *Mauá - Irineu Evangelista de Souza, Barão e Visconde de Mauá - 1813-1889*. São Paulo: Nacional, 1958.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*, São Paulo: Edusp, 1999.

GANNES, Cláudio. *Visconde de Mauá - Autobiografia* (“Exposição aos credores”). Rio de Janeiro: Toopbooks, 2000.

QUINTANILHA, Marli M. S. *A escola da vida e a formação intelectual do Visconde de Mauá*. www.histedbr.fae.unicamp.br, 2003.

SODRÉ, Nelson W. *Panorama do Segundo Império*, 2 Ed. Rio de Janeiro, 1998.

SOUZA, Irineu Evangelista de. *Exposição do Visconde de Mauá aos credores de Mauá & C E ao público* Reedição Fac-similar da 1ª edição de 1878. In. BIANCHI, Roberto. *Org. Mauá, empresário & político*. São Paulo: Bianchi, 1987.